

CORPOS EM MOVIMENTO: APONTAMENTOS PARA UMA ANTROPOLOGIA NA E DA CIDADE BAIXA

JOANNA MUNHOZ SEVAIO

Doutoranda em Antropologia Social

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Email: jmsevaio@gmail.com

(<https://orcid.org/0000-0002-0706-0335>)

REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI



RESUMO:

O texto trata de como o bairro Cidade Baixa, localizado em Porto Alegre/RS, acontece em seu cotidiano. A partir de pesquisa etnográfica lá realizada, as práticas da intensa vida noturna aparecem como eixo central do trabalho, ressaltando os fluxos e o movimento constante de fazer-cidade, desse modo considerando a cidade como processo e não como dado apriorístico. Nesse caso, as ruas, e especificamente as sociabilidades noturnas que tomam as ruas como lugar fundamental, são assumidas como o lugar vital da experiência urbana. Ademais, a dimensão corpórea do fazer pesquisa e do praticar a cidade sustenta toda a construção do texto, que aponta para as possibilidades de se construir conhecimento antropológico intrínseco às afetações que o trabalho de campo promove, em sintonia com os movimentos da própria cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Rua; Movimento; Cotidiano; Corpo.

11

ABSTRACT:

The text addresses how the Cidade Baixa neighborhood, located in Porto Alegre/RS, happens in its daily life. From the ethnographic research carried out there, the practices of intense nightlife appears as the central axis of the work, highlighting the flows and the constant movement of making-city, thus considering it as process and not as a priori data. In this case, the streets, and specifically the nocturnal sociabilities that take the streets as a fundamental place, are assumed as the vital place of the urban experience. Furthermore, the corporeal dimension of doing research and practicing the city supports the entire construction of the text, which points to the possibilities of building anthropological knowledge intrinsic to the affects that the fieldwork promotes, in tune with the movements of the city itself.

KEYWORDS: City; Street; Movement; Daily; Body.

INTRODUÇÃO

Existe em Porto Alegre um bairro que carrega em seu nome a cidade: a Cidade Baixa. Na CB¹, o cotidiano é efervescente: lá convive todo tipo de gente, moradores, trabalhadores, aqueles que circulam durante o dia, aqueles que frequentam a plural cena noturna. A Cidade Baixa é feita de pessoas, seus movimentos e acontecimentos, é um mundo que se configura em processo, em um constante fazer-cidade (Agier, 2015). Partindo de pesquisa sobre o bairro, este trabalho é dedicado à reflexão sobre como as práticas cotidianas impõem o ritmo do viver urbano, como uma dança sem coreografia pré-definida.

O nome Cidade Baixa deriva de um viés topográfico, pois o bairro é mais baixo em relação ao Centro Histórico, onde começou o núcleo urbano porto-alegrense. Por contraste, foi batizada como Cidade Baixa a região que ficava abaixo da colina da rua Duque de Caxias, sendo oficializada como bairro em lei orgânica de 1959 (Franco, 1998). O foco aqui não é, no entanto, tal perspectiva. Busco analisar a *baixeza* do bairro a partir das práticas e sociabilidades que o caracterizam, que remontam ao século XIX e se atualizam no contexto contemporâneo. Quando a região começou a ser ocupada, as primeiras casas eram habitadas por “gentinha” pobre e desclassificada: escravizados fugitivos, ex escravizados, trabalhadores empobrecidos (Pesavento, 2001, Rosa, 2014). Havia, então, uma fronteira moral que separava a parte mais alta da cidade, habitada pelas elites, da parte mais baixa, marcada por inundações e habitações precárias (Pesavento, 1991). Não havia por lá saneamento básico, mas havia muita festa, música e boemia: “Os botecos e tavernas da Cidade Baixa, por exemplo, contribuíram para a sua imagem de “lugar de boêmios”,

¹ Termo êmico para Cidade Baixa.

e para a sua fama de região onde aconteciam constantes desordens” (Rosa, 2008: 100). Foi lá onde em 1914 nasceu Lupicínio Rodrigues, sambista de projeção nacional e figura mais ilustre da boemia porto-alegrense, que cresceu rodeado de bares, sambas e carnavais (Oliveira, 2015).

No decorrer do século XX, uma série de reformas urbanas transformou o bairro e toda a região central. A imprensa e elites locais colocaram em marcha uma verdadeira cruzada moralizadora, em que as ruas aparecem como espaços a serem controlados. Estética, moral e higiene foram os três pilares que sustentaram as campanhas a favor de um modelo de cidade moderna extremamente segregador, em que as populações negras foram expulsas para regiões periféricas (Monteiro, 2006; Pesavento, 1998). Estava também implícito um discurso que contrapunha trabalho versus vadiagem, um modelo ideal de conduta, da moral burguesa, e sua degeneração, a vivência nas ruas (Pesavento, 2008, 1998; Rosa, 2008).

A reestruturação urbana fez com que a tradicional boemia da Cidade Baixa rumasse a outros lugares. Não demorou muito, no entanto, para que a vida noturna do bairro voltasse a pulsar com força. De meados da década de 1990 para cá, houve um expressivo crescimento de estabelecimentos, bares, casas noturnas, restaurantes, pubs, cafés, os quais atraem público diverso. Não há o que não haja na CB: bares voltados ao público LGBQIA+, bares que vendem cervejas artesanais, casas noturnas que tocam rock, funk, samba, pop ou reggaeton, bares que vendem cervejas comerciais, casas de shows e restaurantes de tipo, tudo ao alcance de alguns passos (Fonseca, 2006; Silva, 2014). Foi nesse contexto boêmio que realizei minha pesquisa de dissertação, cujo trabalho de campo priorizou as sociabilidades noturnas que acontecem nas ruas, fora dos estabelecimentos citados (SEVAIO, 2021). Ao estudar o bairro, parti da noção de que as sociabilidades voltadas às festas colocam em evidência as contradições e conflitos que permeiam a

vida cotidiana, de modo que a arena festiva se torna lugar privilegiado para a análise das relações de poder e narrativas sobre a cidade (Cruells, 2006). Assim sendo, o uso das ruas como lugar de festa desdobra-se em disputas práticas e simbólicas sobre o direito de estar na cidade e ocupar seus espaços, o que pode resultar tanto em um enfrentamento político mais elaborado, institucional, quanto na contraposição de comportamentos e códigos de conduta (Leite, 2007, 2000).

Caminhando pelas ruas, conversando com as pessoas, observando e participando da vida noturna, foi assim que compus uma análise sobre a Cidade Baixa. Este trabalho é movido pela ideia de olhar o bairro “não como um dado, mas como um processo, humano e vivo” (Agier, 2011: 38). Tendo como base a pesquisa de campo de minha dissertação, o objetivo do texto é explorar possibilidades etnográficas em que meu corpo, junto a outros tantos com os quais estive na CB, sente, vibra e vive a cidade.

Em *A invenção do cotidiano*, Certeau (2012) fala sobre uma cidade-conceito, organizada e disciplinada pelas diretrizes do planejamento urbano, a cidade dos estatísticos e arquitetos, diferenciando-a de uma cidade-praticada, que acontece nas brechas do cotidiano, em contraponto àquilo que os gestores pressupõem: “(...) uma cidade metafórica insinua-se no texto claro da cidade planejada e visível” (Idem: 172). É o segundo tipo de cidade que aqui importa, aquela que é carregada de sentidos para quem nela vive. Na mesma linha de raciocínio, entendo junto a Agier (2015) que a apreensão antropológica das dinâmicas urbanas está fora de um quadro normativo sobre o que é a cidade, e deve ser focada na ação dos cidadãos, os protagonistas do movimento de fazer-cidade, assim que “(...) a matéria viva da cidade é formada por cidadãos que aí habitam e trabalham, passeiam, gostam de certos cantos, praças, cruzamentos “certas luzes, algumas pontes, terraços de cafés” (Agier, 2011: 173).

O trabalho está organizado a partir dessa introdução, na qual apresento um panorama geral sobre a Cidade Baixa, ressaltando a importância das práticas de sua vida noturna para compor uma análise sobre o bairro, e mais duas seções, além de considerações finais. Na primeira seção, destaco questões metodológicas concernentes à pesquisa, demonstrando como as ruas são o lugar fundamental da vida urbana, bem como as dimensões corporais de uma etnografia de rua. Na segunda subseção, exploro as maneiras pelas quais os *praticantes* da Cidade Baixa configuram o bairro em seu cotidiano, sobretudo a partir de seus corpos em movimento. Nas considerações finais, argumento sobre as contribuições que o trabalho pode trazer ao debate acerca da antropologia das e nas cidades.

CAMINHANDO E SEGUINDO OS FLUXOS DA CIDADE BAIXA

15

“Precisamos matar a rua!” argumentou Le Corbusier, famigerado urbanista francês, na Carta de Atenas² (1989 [1933]). Ora, é preciso matar somente aquilo que está vivo. Inspirada em autores como Jacobs (2000), Benjamin (1994), Eckert e Rocha (2013a), parto da noção de que as ruas de uma cidade são aquilo que nela há de mais vivo. Há nelas um quê de afetividade, de agregador, e até mesmo poético, o que resiste à experiência *blasé* disseminada pela obra de Simmel (1973 [1903]). Nesse caso, o antropólogo é um prestador de atenção que se deixa afetar por tudo que acontece ao seu redor, alguém que é sensível às minúcias da vida cotidiana. Mais do que ser mero observador, alguém alheio e isento, a pesquisa nas ruas permite que se assumam uma postura participativa plena, em que o antropólogo atua ao mesmo tempo como pesquisador e *praticante* da cidade. Um corpo que se coloca no mundo, que vive, percebe e pesquisa.

² Manifesto urbanístico cuja origem remonta ao IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, realizado em Atenas em 1933.

Merleau-Ponty (2011), nesse sentido, ajuda a compreender que o corpo não é uma coisa, não é uma máquina, nem é pura ideia abstrata, mas é movimento, sensibilidade e expressão de uma potência criadora. Um corpo carnalizado tem cheiros e os sente, ele vive, vibra e se afeta. Por isso, caminhar pela Cidade Baixa é estar sob constante estado de afetação dos sentidos, o que para Peirano (2014) faz parte da empiria que é fonte de renovação da disciplina antropológica: eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores e tudo que afeta os sentidos.

Como o *bricoleur* que constrói sua a partir dos materiais disponíveis, fui caminhando pelo bairro e coletando vivências que observava, nas esquinas, calçadas e ruas em que havia gente. A partir da condição de moradora-pesquisadora, a todo tempo tencionava posições de estranhamento engajadas no processo de conhecimento sobre a cidade (Velho, 1994). Não há um ângulo perfeito, um enquadramento a partir do qual se entende a cidade ou um bairro, mas sim *artesanías* cotidianas de fazeres etnográficos. “O conhecimento da cidade é, portanto, um conhecimento produzido pelos percursos.” (Silva, 2009: 174). É preciso, então, andar e ver. Uma pesquisa que é andante vai construindo seus passos de acordo com o ritmo das pessoas que vivem na cidade, e mais especificamente que frequentam e *praticam* a Cidade Baixa. O andamento, portanto, não parte de concepções apriorísticas sobre a cidade e seus sujeitos. As próprias práticas de pesquisa são, nesse caso, invenções cotidianas (Certeau, 2012) inspiradas pelas dinâmicas que os sujeitos imprimem na cidade. Assim sendo, compartilho nos próximos parágrafos alguns dos caminhos de pesquisa percorridos e desafios que acionaram inflexões nesse percurso.

As ruas são lugares de encontro, de gente, coisas, ideias. João do Rio (2013) diz que elas têm alma: algumas são honestas, outras ambíguas ou depravadas. Há ainda ruas puras, infames, delicadas. Elas

são a materialidade do concreto cinza, ao mesmo tempo em que é por meio delas que estabelecemos relação poética e afetiva com a cidade. Movida pelo desejo de conhecer a Cidade Baixa, passei a circular pelas ruas do bairro, seguindo os fluxos de sua vida noturna, não havendo trajetos definidos previamente. Onde havia aglomerações, lá eu ia. Desse modo, pude entrar em contato com as pessoas que fazem da CB lugar de encontro e entretenimento e aos poucos ir compondo possíveis leituras sobre as sociabilidades que presenciava. Benjamin (1994: 73) sugere que “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução”. Na mesma direção do autor, fui me perdendo pelas ruas e dinâmicas da Cidade Baixa, para encontrar na complexidade da tessitura do bairro aberturas para a análise antropológica do que lá acontece.

Charles Baudelaire e seu lirismo, que são evocados pela obra Benjamin (Ibid.), trazem o *flâneur* como um observador-caminhante que transita por Paris tendo sentimentos conflitantes sobre sua cidade: o poeta dos deslocamentos vive a experiência da construção da modernidade ao mesmo tempo em que aparece como homem saudosista das ruínas do mundo social anterior. Na *flânerie*, a experiência citadina é permeada pelo cotidiano vivido, em práticas a partir das quais o personagem que caminha e observa vai fundindo suas narrativas com os significados urbanos que vão sendo tecidos nas e pelas andanças. Alinhada ao empreendimento benjaminiano, comecei minha pesquisa caminhando por entre as ruas da Cidade Baixa, experienciando e observando suas nuances e sutilezas. No decorrer do trabalho de campo, as caminhadas de quê flutuante foram se tornando mais densas, a partir do que pude estar mais próxima das práticas e sociabilidades de quem frequenta a vida noturna do bairro, o que será explorado mais tarde.

O trabalho de campo é um rito de passagem para quem é antropólogo em formação (Oliven, 2007). Desde Malinowski até hoje, os títulos acadêmicos são fruto de um intenso convívio - mesmo que em diferentes gradações e formas - com o objeto de estudo. Conforme vivenciei e percebi, o estar em campo não é igual para todos. Nosso corpo e as marcas que ele carrega são indissociáveis de como produzimos conhecimento, como nos lembra Haraway (1995) e de como somos encaradas pelos interlocutores nos encontros que acontecem no decorrer de uma pesquisa. Pode uma mulher ser pesquisadora, afinal? E à noite?

“Tu tá sozinha?”, me perguntou mais de uma vez um artista de rua que costumava ficar em uma das esquinas da Cidade Baixa é uma das esquinas em que eu circulava frequentemente. Meu corpo ali é mais um corpo entre a multidão de pessoas que diariamente passa pela Rua Gal. Lima e Silva. Tenho um corpo marcado, no entanto. Os olhares que me rodeavam transmitiam as assertivas de minha condição: eu era uma mulher sozinha à noite. Os constrangimentos em relação às pessoas com quem conversei na e sobre a Cidade Baixa repetem-se geralmente quando envolvem homens. Expliquei diversas vezes que sou pesquisadora e que não estava em busca de parceiros afetivos-sexuais, o que parcialmente resolvia o “problema”. A recorrência de assédios disfarçados por jogos lexicais exigiu certos jogos de cintura, conforme destacam Bonetti e Flescher (2007: 21):

(...) nos perguntar continuamente sobre como nosso campo nos afeta como antropólogas, ou como nos forja como tais, e nesse processo, forja também a própria pesquisa. Ou seja: refletir sobre como somos recebidas, definidas e manipuladas semanticamente em nossos campos de pesquisa específicos.

Minha postura em campo precisou se forjar a partir de minha condição potente de mulher-pesquisadora. O corpo passou de obstáculo à força motriz

quando assumi a perspectiva de etnografia de rua proposta por Eckert e Rocha (2013). Quando segui a perspectiva das autoras, as caminhadas pelas ruas da Cidade Baixa se adensaram e se tornaram não uma forma de explorar o campo, mas sim uma das técnicas primordiais de conhecê-lo a partir de cada detalhe que vivido, sentido e observado quando caminhava. Uma etnografia de rua passa, então, pela prerrogativa de tornar a cidade um lugar de experiências significativas e que afetam todos os sentidos. Ao conhecer os *habitués* da CB e os lugares que frequentavam, fui demarcando meu próprio lugar no bairro. Etnografar a rua depende de uma relação de intimidades com suas dinâmicas e sujeitos: é preciso um olhar atento e sensível:

Assim é que uma etnografia de rua percorre o sensível, se perguntando sobre os gostos paixões, os dramas que impregnam a vida das ruas e configuram a cidade, evocando as imagens que permitem descrever e interpretar este universo: gestos, posturas, conversas, encontros, ruídos, e tudo que configura a vida cotidiana se apresenta plena de sentidos. As formas da vida social configuradas na objetivação do espírito carregam consigo a força dos simbolismos que as originam, das emoções que lhe são atribuídas na medida em que são vividas, elaboradas e reelaboradas. A poética da rua, portanto, refere-se aos sentidos e simbolismos que orientam as ações dos sujeitos e suas formas de adesão à rua, como espaço de sociabilidade, de trabalho etc. (Eckert; Rocha, 2013: 15).

19

A partir de uma etnografia de rua, busca-se o despertar dos estados de percepção sobre a vida urbana, a partir do que é possível elaborar narrativas nas quais tanto o antropólogo quanto os sujeitos com quem ele convive, conversa e observa são personagens. Eckert e Rocha (2020) apontam que narrar as cidades é uma arte que pode se valer de vários suportes: crônicas, imagens, vivências, caminhadas, memórias. As autoras destacam ainda que fotografar é uma das práticas fundamentais de

etnografar ruas. Nesse caso, as imagens produzidas têm relação horizontal com o texto, são narrativas em si mesmas, e não um mero apêndice.

Além da possibilidade de produzir imagens, circular pelas ruas promove uma imersão nos sons do cotidiano. Seria a antropologia uma disciplina silenciosa? Ou qual o papel do que escutamos na formulação dos resultados de pesquisa que entregamos às instituições às quais nos vinculamos? Conforme aponta Crawford (2010), a observação participante foi o método que consagrou a Antropologia como campo científico. Observar: nosso famigerado dicionário Aurélio define esta ação como “Olhar fixamente para algo, alguém ou para si próprio”. Ponto de vista, visão, olhar. Mesmo para escrever este texto tive dificuldades de encontrar palavras que não fizessem menção ao olho. Uma perspectiva restrita do fazer-antropológico leva a uma conexão direta entre observar-olhar, mas é possível e desejável ir além. Na introdução do livro *Beyond the visual: sound and image in ethnographic and documentary film*, Crawford (Ibid: 23) cita texto de Paul Henley, presente no mesmo volume, que fala sobre “o despotismo do olho na antropologia visual”. Coloco-me junto aos dois autores na defesa por visualidades mais amplas e complexas, que se manifestem conforme acontecem no mundo: embrenhadas em todos os cinco ou mais sentidos.

Uma concepção mais ampla de nosso método-chave - a observação participante - pode dar destaque ao participar. Quem participa, afinal? Um corpo no mundo. Lembro novamente de Merleau-Ponty (2011: 212), para quem somos “Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio.”. Nossos sentidos são todos aflorados quando vivenciamos as práticas de pesquisa tal como vivenciamos o mundo: sendo um corpo completo e complexo. É por isso que Crawford (2011) fala de uma antropologia visual que seja também

sensorial, uma lição que pode ser aprendida pela disciplina como um todo.

CIDADE BAIXA PRATICADA

Um dia normal na Cidade Baixa é encontrar com meus amigos e aí compramos bebidas, então ficamos na rua e tem muita gente. Tem muita gente, a gente faz amizades, a gente conversa com as pessoas, conhece elas...éé...sei lá...Cheiki, InSônia... vários lugares que a galera realmente vai e enche bastante.

A fala reproduzida acima é de Mariana³, uma jovem frequentadora da Cidade Baixa por mim entrevistada. Gente, corpos, ruas, bebidas e encontros. Ela exprime a importância do estar junto para as dinâmicas noturnas do bairro, que é *praticado* a partir do emaranhado coletivo que se configura no cotidiano. Neste ofício de “ver como a cidade vive” (Agier, 2011: 21 38), está colocado o desafio de desvendar como os *praticantes* do bairro acionam seus sentidos de pertencimento ao lugar, o que engloba dimensões políticas, econômicas ou mesmo estéticas. O que faz Cidade Baixa?

Além de Mariana, a CB é feita no cotidiano por outros milhares de frequentadores, pessoas que praticam o bairro a seu modo. Fernando, outro interlocutor, enfatiza a pluralidade de opções de entretenimento e de públicos que circulam pelas ruas: “Tipo, a cada rua que eu passava dentro de um bairro minúsculo...ahn...tem tipo três variedades de pessoas, sabe. Tem a classe média, tem a classe alta e tem o trabalhador ali dividindo as ruas e o quanto pode consumir”. Na mesma linha de raciocínio, Mariana me falou sobre como o cotidiano no bairro muda constantemente, justo porque os frequentadores englobam diferentes estilos e interesses: “Eu acho que é o único bairro que consegue

3 Optei pela utilização de nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados, já que os diálogos envolvem questões como a atuação da Brigada Militar e o uso de drogas, por exemplo.

acolher uma galera de tantos estilos diferentes...então nunca é igual.”

O caráter singular da Cidade Baixa é resultado muito mais das práticas cotidianas do que da imensa variedade de estabelecimentos do bairro. Por lá, são muitos os personagens e os encontros fortuitos que a noite possibilita. Como disse Mariana, nada nunca é igual, pois na Cidade Baixa cada noite promove confluências e interações não previstas. Embora estejam envolvidos os mesmos elementos – pessoas, bebidas alcoólicas, músicas – os arranjos entre eles carregam possibilidades estéticas e rítmicas que colocam em jogo conteúdos simbólicos únicos a cada experiência – o bairro é um constante fazer para quem usufrui dele.

Em certa noite, uma esquina ou determinado ponto do bairro gerava maior volume de aglomerações, em poucas semanas o lugar mais movimentado já era outro - às vezes em uma mesma noite as pessoas migravam pelo bairro. Chamei de *nomadismo interno* esse fluxo que acontece no interior da CB e que constantemente vai mudando de direção. Os estabelecimentos, nesse caso, são mais pontos de apoio e referência do que lugar de permanência. Encontro em Ingold (2012) uma inspiração pertinente para compreender como a noite é algo dotado de vida: flui, muda, vai e vem pelas ruas da Cidade Baixa. Em *Trazendo as coisas de volta à vida*, o autor identifica um mundo em fluxo, aberto e em construção, um contínuo vir-a-ser. É assim que entendo a vida noturna, como matéria em movimento, em fluxo e variação. Em consonância com essa experiência *nômade*, minha postura foi a de seguir os fluxos de pessoas pela noite.

Apesar da fluidez, é preciso levar em conta que a vida noturna que acontece na Cidade Baixa não existe sem corpos e lugares. Corpos não existem sem raça, gênero, classe e sexualidade. São corpos que carregam histórias e marcas. Além de corpos, os fluxos da noite dependem de lugares para que se efetivem. Corpos, fluxos, lugares, ou corpos e

lugares em fluxo: são coletivas as experiências que se concatenam na CB. Inspirada em Jacques (2012), entendo que o corpo e as experiências sensório-motoras coletivas resultam em práticas cotidianas e resistentes que atualizam os projetos urbanos, de modo a “formar um contraponto à visualidade rasa da cidade-logotipo, cidade-outdoor” (Ibid., 2008:12). Já a abordagem de Fernandes, Herschmann e Barroso (2019), identifica a configuração de um corpo-festivo quando a cidade é praticada a partir das festas, sendo associado às rupturas ordem, à visceralidade e à sensibilidade. Os autores destacam que a experiência da festa de rua faz com que o corpo-festivo e o corpo-cidade estejam em relação, a todo momento negociando, entrando em conflito, concedendo e demarcando limites.

Uma das negociações constantes nas noites da Cidade Baixa é com os carros, que não podem ser obliterados do contexto do bairro. Os automóveis estão lá, projetando sua presença e disputando o uso dos espaços públicos com as pessoas. Para quem está na rua festejando, as dinâmicas conflitivas com os motoristas é levada em tom jocoso. Não foram poucas as vezes em que ouvi xingamentos pelas janelas quando alguma aglomeração atrapalhava o fluxo do trânsito na Lima e Silva ou na José do Patrocínio. Se os motoristas ficam estressados, as respostas são risadas ou dedos do meio em riste. A noite tem que continuar. Apesar das interrupções das buzinas, são as caixas de som tocando funk que dão o ritmo das ruas da CB.

Um dos bares citado por Mariana, o Cheiki, era um dos pontos nevrálgicos de tudo que acontecia nas ruas da CB, servindo como ponto de encontro e de começo dos fluxos pelo bairro. Localizado na zona limítrofe entre a Cidade Baixa e o Centro Histórico, o estabelecimento era todo projetado para a rua. Mais do que a infra-estrutura do bar, portanto, importava mais a área externa. A experiência da rua oferece um sentimento de liberdade que não se encontra entre quatro paredes, nos lugares fechados.

“Basicamente tu escolhe o que tu vai beber ali, ou nada...e tu te encontra com os teus amigos ali, ouve música e tal...” falou Rodrigo, outro interlocutor, enquanto me contava sobre o porquê gostava de frequentar as proximidades do InSônia, um bar com características parecidas com o Cheiki, só quem outra rua. Ele vinha de Novo Hamburgo, na região metropolitana, só para beber no entorno do InSônia. Beber em pé nas calçadas ainda traz vantagens aos fumantes, que não precisam sair do lugar em que se encontram para acender um cigarro, seja ele de tabaco ou de maconha.

Figura 1 - Aglomeração no Cheiki



Fonte: Divulgação GZH (2019)

Observando-participando as sociabilidades noturnas, me dei conta de que levar um isqueiro comigo, ou pedir por um, poderia ser uma estratégia para puxar assunto com as pessoas na rua. Certa noite, eu estava nas proximidades de um bar chamado Villa, outro ponto de movimento na Cidade Baixa, quando um rapaz perguntou se eu tinha fogo. Ele queria também saber o que eu estava fazendo sozinha por lá e se eu queria companhia. Como

estava notavelmente bêbado, como a maioria das outras pessoas, pareceu não se importar com minha resposta, na qual eu explicava sobre a pesquisa que estava realizando. Juliano fez questão de que eu me juntasse ao grupo com o qual ele estava: mais dois homens e três mulheres. O grupo estava ao lado da entrada do bar, e apesar disso não estava comprando bebidas lá: no meio da roda estava uma sacola térmica cheia de latas de cerveja, prática corriqueira na Cidade Baixa. No tempo em que estive com eles, Juliano e seus amigos basicamente conversaram sobre uma professora da qual não gostavam, do curso de Design Digital da UFRGS. Quando percebi que um deles estava dando em cima de mim, demonstrando não entender o porquê de uma mulher estar sozinha em um lugar como aquele sem pretensões afetivo-sexuais, decidi que era melhor eu me despedir. Outra noite, no mesmo lugar, eu pedi um isqueiro a um grupo próximo, porque vi que eles estavam fumando e supus que eles teriam um. Eles, no entanto, pareceram não gostar de ter sua conversa interrompida, mesmo que rapidamente, e foram ríspidos com o meu pedido. Acendi um cigarro e logo me afastei. Ambos os casos explicitam a dimensão coletiva dessa experiência de rua. É para conversar, encontrar amigos, flertar e compartilhar a vida na cidade que os frequentadores da Cidade Baixa ocupam os lugares do bairro.

No decorrer da pesquisa, encontrei as discussões sobre antropologia da juventude e/ou das práticas juvenis por acaso das circunstâncias de campo, o que estabeleceu uma diferença de meu corpo em relação aos que predominavam nas ruas. Quando iniciei a pesquisa, tinha 25 anos e fui chamada de tia durante uma observação no entorno do Cheiki. Minha primeira reação diante do ocorrido foi de surpresa: “como assim eu sou tia?” “eu ainda sou jovem!”. Depois, a faixa etária dos interlocutores, ou personagens urbanos (Eckert; Rocha, 2013b) passou a ser um elemento a ser levado em consideração. É a partir disso que começo o diálogo

com a obra de Diógenes (1999, 2003, 2008), dando relevo às maneiras particulares como as juventudes imprimem seus códigos na cidade.

Para a autora, as expressões dos jovens periféricos vão compondo mapas e trajetos pela cidade, e por isso o corpo é um elemento fundamental do agir urbano juvenil. Considero, nesse sentido, particularmente frutífera a noção de que os jovens estudados por Diógenes (1999) carregam consigo suas territorialidades quando se deslocam pela cidade – são território-em-movimento que condensam expressões de si onde quer que estejam:

Não há nesse nomadismo das galeras uma ideia de fixidez, de um espaço para cada coisa, tudo se move e se mistura. O corpo leva e traz maquetes de cidades em movimento. Esse é o maior impacto que realiza o nomadismo das galeras no espaço urbano, mostrar que quem segmenta o espaço urbano é o corpo...(Diógenes, 2003: 25).

Fui observando que através de suas práticas e sociabilidades os jovens nas ruas promoviam outra ordenação espacial, resignificando a Cidade Baixa a seu modo e fazendo do espaço urbano território de criação. Observei que o encontro de corpos juvenis com a dança, com bebidas alcoólicas e com o ritmo do funk, ia compondo a cada noite uma versão particular do espaço urbano. Também enfatizando a dimensão inventiva das pessoas que vivem e *praticam* a cidade, Certeau (2012, p. 57) é outro autor que refuta uma suposta passividade dos sujeitos do mundo, definindo-os como “poetas dos seus próprios assuntos, desbravadores nas selvas da racionalidade funcionalista”.

Figura 2- Jovens na rua José do Patrocínio



27

Fonte: Foto da autora (2020)

Na Cidade Baixa, o que acontece nas ruas é diferente do que acontece em ambientes fechados. As ruas são ritmadas por caixas de som, de todas as cores e tamanhos. Elas são levadas por pequenos grupos, que geralmente se configuram em rodas. De roda em roda, se formam multidões. O funk é quem reina entre os grupos. Fernando enfatiza a predominância desse ritmo:

Claro que a gente sabe que ali tem lugares que abrigam outros estilos de música, mas a música da rua mesmo, sempre vai ser o funk e o rap, sempre. Não tem como, sabe? Não existe alguém chegando na Cidade Baixa em frente ao Lima's tocando Iron Maiden. Eu acho meio discrepante...respeito, obviamente, mas acho meio discrepante.

Figura 3 - Lima e Silva



Fonte: Foto da autora (2020)

As bebidas também são elementos fundamentais das sociabilidades de rua que acontecem na Cidade Baixa. Garrafas, copos, corpos, tudo se mistura na elaboração cotidiana do bairro. Como já mencionado, os estabelecimentos perdem centralidade quando as ruas são o lugar fundamental de fazer festa. Observei que as garrafas consumidas eram geralmente levadas de casa, armazenadas em mochilas ou em sacolas e colocadas no interior das rodas que se formavam. O *kit* – tendência entre os jovens – é uma combinação de bebidas compradas em coletivo. O fator principal de atração, de acordo com o que me contaram frequentadores da CB como Marina e Fernando, é a facilidade de embriaguez e o baixo custo

em relação à cerveja, por exemplo. A novidade do *kit* é apenas o termo, pois a bebida nada mais é do que vodca, ou outro destilado, misturado com alguma bebida doce, na maioria das vezes energético. Com o *kit*, a compra e o consumo compartilhados enfatizam a dimensão coletiva das experiências de rua, em que as possibilidades de encontros e trocas são os principais atrativos.

A fala de Fernando sintetiza como é a maneira de beber protagonista nas ruas da Cidade Baixa: “A gente conseguir se divertir, e a maioria das vezes conseguir se embriagar só tendo 10 reais no bolso e com tanta gente, porra! Meu deus do céu!”. O fator financeiro, nesse caso, é determinante nas escolhas das sociabilidades das ruas. A opção das ruas, longe de ser considerada ruim por Fernando, é tomada como algo que faz-Cidade Baixa. No dicionário Aurélio, *arruaça* é definida como desordem nas ruas, baderna. Em sintonia com os objetivos deste texto, argumento a favor de uma ressignificação não pejorativa do termo, considerando um fenômeno que faz parte do que o bairro é para os frequentadores. *Arruaça*, assim, é algo que não está atrelado a um juízo de valor: pode ser bom ou ruim, a depender da perspectiva. Para quem faz parte das *arruaças* da Cidade Baixa, a conotação positiva é indubitável. Para quem mora no bairro, conforme nem tanto. Fernando, por exemplo, ressalta a fluidez das ruas em tom de exaltação:

(...) enquanto que você na rua é como se você estivesse sempre se movimentando de lugar pra lugar, sai do Vila pro Speed, do Speed vai pra Sônia, da Sônia vai pra, sei lá, tem um itinerário completo e você às vezes não paga nada, então só por isso eu acho que já é, já é um ponto central pra mim, tá ligado?

A experiência das ruas -*arruaças* - movimentam o bairro: ao estarem nelas, os jovens praticam no cotidiano sua própria cidade, imprimindo nesse processo sentidos que se constroem de maneira

contínua. É justamente isso que Agier (2015) chama de fazer-cidade: um movimento, um fluxo, um encadeamento simbólico que se dá a partir de experiências concretas no espaço. Entre carros e buzinas, no meio da rua é como se eles gritassem “A CIDADE É NOSSA!”, o que remete a disputas políticas sobre estar e pertencer ao lugar público, um direito à cidade que vai sendo desenhado e reivindicado no cotidiano citadino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade não é algo estático, ou algo como um projeto acabado que dispensa transformações. Pelo contrário: como ensina Agier (2015), e conforme procurei demonstrar, ela é essencialmente movimento. Seguindo essa direção, caminhar, sentir, ouvir e observar, para além de práticas de pesquisa, são maneiras de vivenciar a cidade, compondo assim um entrelaçamento entre o vivido e o fazer antropologia. É por isso que as dinâmicas urbanas por mim observadas e vivenciadas foram direcionando os passos da pesquisa: nem a cidade, nem quem a estuda devem ser condicionadas àquilo que se pressupõe. Nesse caso, a vivacidade das ruas e as sociabilidades nelas encontradas é que foram canalizando a pesquisa.

A Cidade Baixa que procurei demonstrar neste texto é resultado das práticas observadas e experimentadas no bairro, intrinsecamente conectadas aos lugares em que acontecem, sendo movidas com e pelo corpo, tanto o meu quanto dos outros *praticantes* da CB. Do mesmo modo, a análise de tais práticas permite compor discussões que se ampliem para uma compreensão do bairro, enfatizando os movimentos que o caracterizam. No cruzamento dessas duas dimensões, é possível falar sobre uma antropologia na e da Cidade Baixa. Muito além das fronteiras do bairro, no entanto, aponto também para outras tantas possibilidades de se fazer

pesquisas antropológicas pautadas pelo cotidiano citadino que acontece nas ruas e nos lugares de encontros.

REFERÊNCIAS

Agier, Michel. “Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem, o centro”. *MANA*. v. 21, n.3, p. 483-498, 2015.

_____. *Antropologia da cidade. Lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

Bonetti, Aline; Fleischer, Soraya (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.

Cruells, Adrià Pujol. Ciudad, fiesta y poder en el mundo contemporáneo. *Liminar: Estudios Sociales y Humanísticos*, Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas. San Cristóbal de las Casas, México, v.2, p. 36-49, Dezembro, 2006.

Eckert, Cornelia; Rocha, Ana Luiza Carvalho da. A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. *Hawò*, v. 1, p. 1-52, 15 jun. 2020.

_____. *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013a.

_____. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013b.

Franco, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre:

Editora da UFRGS, 1998.

Fonseca, Luciana Marson. *Dois rumos na noite de Porto Alegre – dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n.5, p. 7–41, 1995.

Ingold, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

Merleau-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Monteiro, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2006.

Peirano, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, n. 42, v. 20, p. 377-391, jul./dez. 2014.

Pesavento, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre – espaços e vivências*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

_____. *Os pobres da cidade: vida e trabalho - 1880-1920*. 1998. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS.

_____. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

Oliveira, Márcia Ramos de. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos*. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do

Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.

Rosa, Marcus Vinicius de Freitas. *Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre no pós-abolição (1884-1918)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

Sevaio, Joanna Munhoz. *Entre boemia e baderna: etnografia das práticas, sociabilidades e controvérsias na e da Cidade Baixa*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

33

Silva, Michelle Nascimento da. *Percepção de valor dos usuários sobre o território: estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Sila, Hélio Raymundo Santos. "A situação etnográfica: andar e ver". *Horizontes Antropológicos*, n. 32, v. 15, p. 171-188, jul./dez. 2009.

Oliven, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. 6. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

.